

Em tons de azul: As representações da Praia do Futuro e experimentações em Fotografia Urbana¹

Daniel Paiva de MACÊDO JÚNIOR²
Nerice Rachell Esteves da Silva CARIOCA³
Elían de Castro MACHADO⁴
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A Praia do Futuro é um cartão postal. Alvo do turismo, os empreendimentos que a loteiam propagandeiam-se a fim de valorizar um nicho social de consumo exponencial – que figuram a representação de um ícone cearense; ditando perfil e padrões cada vez mais distante de seus ocupantes originários para atrair novos consumidores. Para além de discurso, a fotografia constitui-se em documento narrativo sobre modais de sociabilidade. Assim, concebendo que o encontro dos povos com o mar do futuro é parte fundante da cultura fortalezense, este trabalho se propõe a refletir sobre o espaço dado aos sujeitos historicamente excluídos pela câmera de ocuparem – para além do banco de areia – posição na representação de uma página importante da memória coletiva; e, assim, experimentar práticas de fotografia urbana para propor outro olhar sobre os transeuntes e marujos que se banham na beira do Atlântico.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Representação Social; Enquadramento; Praia do Futuro; Fortaleza.

INTRODUÇÃO

Fortaleza reúne um montante superior a 2,5 milhões de habitantes, produzindo a maior densidade demográfica do país (IBGE, 2010) e figura-se entre as doze metrópoles urbanas brasileiras (IBGE, 2008). Fruto de contradições, a Capital do Ceará é socialmente produzida na interação dos sujeitos com o espaço mediada pelas relações de poder (THOMPSON, 1998), tornando-se objeto de disputa, inclusive na representação

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Graduando em Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará e integrante do Grupo de Pesquisa Mídia, Política e Cultura. email: daniel.3macedo@gmail.com.

³ Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. email: nericee@gmail.com

⁴ Doutor em Tecnologia Educacional pela Indiana University e Pós-doutorado em Fotojornalismo na Florida University. Professor Associado da Universidade Federal do Ceará com ênfase em Fotojornalismo e Teoria da Imagem Fotográfica. Professor-Convidado do Mestrado em Computação da Universidade Estadual do Ceará. email: elianmachado@ufc.br

social e constituição das narrativas através da fotografia. Distribuídas em território que se estende do litoral às periferias urbanas, os povos em Fortaleza constituem, (re)criam e são inseridos no imaginário do espaço urbano pelos cliques fotográficos.

A Praia do Futuro, situada na Regional II, não foge do entremeio da disputa de narrativas no espaço urbano. A começar por seu nome de ocupação, que fora definido por acaso nas linhas publicadas pelo Jornal Correio do Ceará. ARARIPE (1997) confessa que quando editor do periódico, inaugurou o nome do recanto, "mas o que eu queria dizer é que aquela era a Praia de nosso futuro urbano, e não dar um nome definitivo a ela, sem sentido, aliás, para ser um nome próprio, para ter caráter toponímico".

Mas o nome pegou e ficou na memória popular e na constituição da cidade, nomeando o bairro. A Praia do Futuro caracteriza-se por 8Km na zona leste da faixa litorânea; socialmente construída a partir da pressão popular na década de 60 por um espaço de lazer onde a balneabilidade não estivesse comprometida e, por sua vez, apresentasse condições dignas até então não ofertadas pela Praia de Iracema, Formosa e Meireles (ABREU JUNIOR, 2005). Hoje, possui um corredor de barracas construídas com palha de carnaúba e que servem pratos típicos da culinária costeira; e, sem dúvidas, é cartão postal da cidade.

AZUL À VISTA DA CIDADE AO FUTURO

É certo que o encontro das pessoas com o mar alimenta e vitaliza o turismo no Ceará. Assim, as atenções em construir uma imagem pública que favoreça às ocupações do espaço e ampliação de fluxos de turismo na região é um norte-motriz para fazer circular a economia local e despontar geração de renda. Nisso, a comunicação assume um papel: vender o cartão postal.

Nas tradicionais páginas do jornal, na vanguarda da internet: "A Praia do Futuro é sol, mar, comida gostosa e gente bonita" (FÉRIAS NO CEARÁ, 2016) e "num feriado ensolarado, não há programação melhor" (DIÁRIO DO NORDESTE, 2016) por se tratar de "um verdadeiro oásis no meio da cidade" (TRIBUNA DO CEARÁ, 2016). Afinal, "sentar à beira da praia para comer caranguejo, camarão, lagosta ou tomar uma

cerveja geladinha, diferencia a Praia do Futuro de qualquer outra orla marítima no Brasil." (FÉRIAS NO CEARÁ, 2016).

Para confirmar o discurso e viabilizar a publicidade, cabe à fotografia, portanto, a materialização dos postcards. Um bom exemplo é o perfil no Instagram⁵ @praiadofuturoce que reúne e compila imagens de sociabilidade na Praia para divulgar e fortalecer o turismo na região. "A ideia surgiu porque aqui vimos grandes oportunidades de divulgar o turismo, por meio da internet. No Instagram, começamos a publicar fotos registradas tanto pelos turistas quanto pelos próprios fortalezenses", declaram Afrânio Neto e Rebeca Brasil em entrevista à TRIBUNA DO CEARÁ (2016)



Figura 1: Representação da Praia do Futuro na fotografia de turismo
 Fonte: @praiadofuturoce

Na fotopublicidade – assim como na ocupação dos espaços urbanos – nem todos os sujeitos são retratados; ou possuem as mesmas oportunidades de figurar a cena pública. Muitos sujeitos urbanos são retirados do foco e um perfil de público é enaltecido nas lentes e registros de fotopublicidade que circulam nas revistas, outdoors e voam junto ao convite de encontro com às águas salgadas: o branco consumidor – no mesmo Ceará de povo 68% de população não-branca (IBGE, 2010). Dimensionar um ambiente segundo um perfil a fim de hegemonizar a imagem pública sobre a ocupação do espaço constitui-se em ato delicado, dado que pode imprimir negação ao fluxo de perfis não-representados cercear o direito de ir e vir. Diante da repetição dessa construção visual que gera pregnância, nos cabe “interrogar sobre a origem destas imagens social e ideologicamente motivadas, por que elas perduram e são produzidas” (PEREIRA, 2016:14)

⁵ Rede social destinada à publicação de fotografias.

O MAR DE GENTE CABE NO ENQUADRAMENTO DA PRAIA?

Partindo do princípio que “uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz” (BORGES, 2005: 80), tangencia-se a produção de discursos sobre os espaços orientados com base nos preceitos de quem efetua o registro. Não à toa, OLIVEIRA JR (1993) reconhece que a fotografia possui significação ideológica – ao enquadrar a realidade e delimitar um discurso narrativo através da composição – e função política – na medida em que o discurso assume pregnância e é reconhecido como real. Assim, delimita-se que, como alvo do rol de interesses de quem produz, “o registro visual documenta a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens”. (KOSSOY, 2001: 42)

É importante captar que "se a fotografia é considerada um registro perfeitamente realista e objetivo do mundo visível é porque lhe foram designados [desde a origem] usos sociais considerados 'realistas' e 'objetivos'" (DUBOIS, 1993: 40), e não por sua empregabilidade. Afinal, "o decisivo da fotografia continua sendo a relação entre o fotógrafo e sua técnica." (BENJAMIN, 1996: 100) e não o exercício de um realismo objetivo. É no exercício de um olhar apurado, mediado pelo conjunto de técnicas e dispositivos que o fotógrafo aplica as decisões estéticas e políticas no enquadramento do objeto a ser registrado. Ali está um objeto de decisão e, ao tomar um foco ou um enquadramento, a complexidade do espaço social não cabe no 10x15 da fotografia revelada e captada.

É cabal atentar-se às reflexões de OLIVEIRA JR (1993) que apontam para os meios de produção e transmissão de imagens, desde a antiguidade clássica ocidental, como objeto de poderio das classes dominantes. Não diferindo, por fim, a fotografia. Portanto, quando versamos sobre “inserir a fotografia no panorama cultural, no qual foi produzida, e entendê-la como uma escolha realizada de acordo com uma dada visão de mundo.” (CARDOSO; MAUAD, 1997: 406); elencamos a necessidade de ampliar os olhares em torno dos objetos que são registrados por reconhecer que, hoje, nem todos possuem as mesmas condições de se fazer-registrar o ambiente que o rodeia. Logo, registre-se: Que perfis representam à praia?

COM CÂMERA NA MÃO, DESBRAVOU O MAR

A fim de enquadrar a Fortaleza sob uma nova ótica, mais real e palpável frente a realidade dos sujeitos transitórios que a constroem, ocupam as vias e intervêm no espaço e, a partir disso, criar uma nova perspectiva de representação da cidade; que o processo metodológico ganha corpo e forma. Escolhemos a Praia do Futuro como locus de registro. Símbolo da cidade e ponto de trânsito contínuo de nativos e turistas, o reduto de areia e mar é local privilegiado na constituição de uma representação da cidade voltada à felicidade por meio do turismo e do lazer.

Com prática de campo de maio à julho de 2016, as visitas de registro aconteceram munidas de uma Nikon D5100 e duas lentes – uma AF-S DX NIKKOR 18 – 140mm f/3.5-5.6G de oscilação de grande angular à telefoto; e outra AF NIKKOR 50mm f/1-1.8D. Adotando, o que chamamos neste trabalho de fotografia transitória, os fotógrafos percorriam o banco de areia, espaços públicos e de convívio social na praia produzindo registros sem fixar-se em um ponto e, na medida que conhecia a cidade, registrava os perfis e ambiências que despertavam atenção e se apresentavam como representativos em instâncias práticas e/ou simbólicas do local fotografado. Aqui, vale a "observação imediata" do objeto a ser fotografado proposto por BENJAMIN (1996) e, por consequência, optou-se em não interferir no cotidiano das pessoas; adotando a ética jornalística ao efetivar os cliques da realidade ofertada nos espaços em descoberta.

Caracteriza-se, portanto, em modalidade de fotojornalismo. Que, por sua vez, "é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta" (PORTO, 2002). Capaz de fixar com finalidades a informar sobre o objeto alvo de fotografia transitória, o fotojornalismo finca-se apegado ao registro e concebe a fotografia como um panorama possível para construir a narrativa de uma cidade em efervescência. Cabendo, portanto, a fidelidade dos processos alvo da fotografia para que, sem máculas, constituam-se como uma representação dinâmica e plural do objeto.

Em seguida, as fotografias produzidas foram triadas no Laboratório. Ofertando, ao fim, uma curadoria estética capaz de articular as imagens entre si e promover um discurso que amplia a representação da praia a partir do protagonismo dos sujeitos que a ocupam. A curadoria foi exposta no espaço multimídia do Instituto de Cultura e Arte da

Universidade Federal do Ceará, permitindo ao observador contrapor as imagens produzidas neste trabalho com o enquadramento comum da Praia do Futuro.

OUTROS TONS DE AZUL NA PRAIA DO FUTURO

Ao circular na Praia do Futuro e registrar os perfis que a ocupam, sobressaltam-se cenas de crianças, banhistas e ambulantes. Distintos entre si e que, no foco da abordagem metodológica, tornaram-se sujeitos comumente registrados, os perfis citados constituem-se em personagens centrais para compreender a relação da cidade com o locus em estudo - seja pela frequência e constância no espaço ou pela intervenção que promovem na areia clara e na água cristalina.

Crianças sozinhas ou acompanhadas de seus familiares, ao encontrar o gigante azul, convertiam o pulsar das ondas em jogo, em brincadeira. A diversão era salgada e estava livre para todos. Enquanto a fotopublicidade enquadra os meninos brancos e à prática de esportes, é válido atentar-se à expressiva quantidade de crianças negras que ocupam a praia e, com danças e congados, trazem sua ritualística e gingado ao encontro de Iansã - rainha do mar.

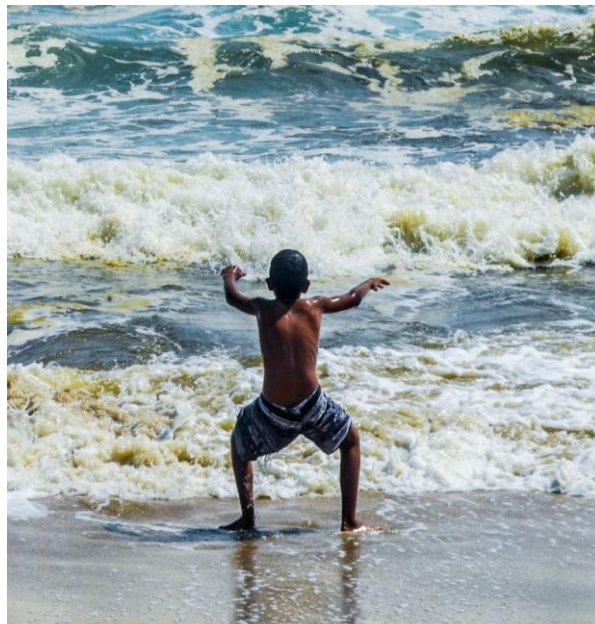


Figura 2: Menino dançando com as ondas na Praia do Futuro
 Fonte: Daniel Macêdo / Acervo da Pesquisa (2016)

Não são apenas as mulheres esbeltas, com feições editoriais que tomam banho no mar. Não precisa ser modelo para deitar na areia e tomar um banho de sol. Na praia que reúne pessoas das seis bandas de Fortaleza - e de onde mais quiser vir - todos podem ocupar as areias, o mar e celebrar a cidade.

O mito do corpo ideal para usar biquini, apesar de fortemente reforçado nas campanhas publicitárias, não é uma regra. As pessoas vestem-se de modo a se sentirem confortáveis. Nem todas usam biquínis, nem todos posam com corpos esculturais e óleos bronzadores. O repouso ao mar, para muitos aguardado e cativado durante os dias de trabalho duro na semana, não se faz podado pela exigência de padrões de corpo.

Diferente da fotopublicidade, foi possível captar na fotografia a simplicidade e empolgação de banhistas com o mar. Era nítido a diferença entre as pessoas, tornando o banco de areia da Praia do Futuro um espaço democraticamente acessível para que as pessoas pudessem estender suas tangas e aproveitar o sol.



Figura 3: Mulheres em piscina de areia na Praia do Futuro

Fonte: Daniel Macêdo / Acervo da Pesquisa (2016)

Nem tudo são barracas de praia. E os preços podem não ser tão altos. Os ambulantes que transitam na praia oferecem seus produtos e estabelecem outros modais de consumo no ambiente. Ambulantes são personagens invisibilizados nos centros urbanos e, na praia, não seria diferente. Frente á ampla concorrência com as barracas de praia, cabe ao ambulante criar mecanismos criativos para vender seus materiais.



Figura 4: Ambulantes na Praia do Futuro
Fonte: Nerice Carioca / Acervo da Pesquisa (2016)

Crianças, banhistas que fujam ao padrão estético e ambulantes são personagens que não aparecem na fotopublicidade, mas que ocupam a praia, interagem com o espaço e, como tal, constituem parte da narrativa que compila o espírito e essência da Praia do Futuro - e, claro, de Fortaleza.

Apontamentos sobre capturar outro azul no mar de gente

A observação atenta à Praia do Futuro e seu registro resultante permite um olhar particular que, em muito, destoa da proposta convencional adotada pela fotopublicidade. Neste sentido, a apuração fotojornalística confere que não busca-se um resultante ideal ou estético em torno do registro como finalidade. Ali, “buscava as coisas perdidas e transviadas, e, por isso, tais imagens se voltam contra a ressonância exótica, majestosa, romântica, dos nomes das cidades”, confere BENJAMIN (1996:101) ao dispor de um olhar sobre a fotografia dos perfis marginalizados.

Pluralizar a representação dá tom e discurso mais realista a configuração palpável do espaço: mista, colorida e com gente de diversas origens, com histórias e trajetórias diferentes. Ao permitir o registro de outros perfis, este trabalho traz à tona duas observações capilares: a primeira, versa sobre a (r)existência de sujeitos que fogem ao padrão proposto pela publicidade e, enquanto parte do cenário, componentes do espaço, não devem ser invisibilizados ou excluídos do enquadramento que constrói uma imagem pública da Praia do Futuro; a segunda, no respeito às caminhantes, trazer

sua presença à fotografia é valorizar a diversidade e permitir vez, cara e personalidade de uma Fortaleza, de uma Praia, de uma sociabilidade que, por vezes, é silenciada e relegada à marginalidade social e econômica.

A construção de uma imagem pública é, em paralelo, o registro de uma história coletiva. Uma fotografia urbana imortaliza a representação de toda uma geração e, por justiça histórica, que ela permita a representação de todos os que, verdadeiramente, constroem sentido e edificam os diversos tons de azul na Fortaleza.

Em respeito à “aura” (BENJAMIN, 1996) do ambiente; o fotógrafo, no exercício de suas atividades, deve considerar o espaço em sua natureza. Só assim, é possível captar o discurso real e tonal expresso na ocupação urbana. Seguir essa perspectiva é buscar a simplicidade do olhar fotográfico meio ao mar de gente que segue em fluxo na cidade, na praia; diferindo, diretamente, de proposta com fotografias montadas e posadas.

Fotografias posadas e com finalidades publicitárias, por sua vez, transmitem um discurso que pode não corresponder ao que se vê para além das lentes da câmera; existe mais que a pose e esse excedente vale e importa na constituição do quebra-cabeças que explica e representa Fortaleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia cumpre papel na documentação imagética de nossos tempos. Porém, "a natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar " (BENJAMIN, 1996:94) e é necessário que o fotógrafo disponha de sensibilidade para perceber na natureza mutável dos espaços de interação humana a multiplicidade de sujeitos que a compõem - sobretudo aos que fogem dos padrões socialmente valorizados.

Este trabalho é embasado na consciência antropológica de que "a tarefa essencial na construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas" (GEERTZ, 2008:18) através da fotografia e dinamizando as percepções da realidade. Assim, o fotógrafo transforma o acontecimento - que existe apenas no ápice de sua ocorrência - em registro que pode ser consultado, analisado e consumido a qualquer momento.

Vale ressaltar que, apesar de muito importante a representação dos perfis percebidos na Praia do Futuro, este trabalho não é absoluto, tal qual não são as únicas representações possíveis. Há sempre mais a explorar do objeto e muito a se fazer representado, narrado, registrado das faces e interações depositadas ao mar para constituir uma memória social verdadeiramente justa e representativa.

No mar de gente que deposita corpos na praia, existe muitos tons para além do majoritariamente visto na vitrine, na publicidade. É preciso, cada vez mais, pautar a verdade dessas nuances para, ao fazer-se visibilidade, tornar a representação de um espaço popular mais próximo da realidade social de seus ocupantes. O cartão postal pode ser mais que a reprodução dos modelos e padrões estéticos, ele deve referendar a face e sorriso do que a Praia, o centro urbano, de fato é: uma mescla cultural.

A negação de uma ampla parcela de representações em detrimento da valorização de outra é danoso na constituição de uma fotografia geral de uma cidade como Fortaleza ou de um espaço como a Praia do Futuro, pois nega a uma ampla parcela a possibilidade de ver-se componente da cidade e de seus processos de (trans)formação. Entendendo cidadania como integrar a cidade e o exercício de direitos, trata-se de um conceito originário do “sentido direto de inclusão numa comunidade” (MARSHAL, 1950: 92); para tal, é fundamental que as pessoas sintam-se componentes e se percebam na representação do espaço público - que também é delas – e a fotografia urbana é parte responsável neste processo.

REFERÊNCIAS

ABREU JUNIOR, P. **Uso e ocupação do solo: O futuro da Praia do Futuro**. 2005. 238f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2005.

ARARIPE, J. **Fortaleza e as cidades que nela coexistem**. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Praia do Futuro é o principal destino de moradores e turistas**. Disponível em: <goo.gl/w9KqKX> Acesso em: 4 dez 2016.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

FÉRIAS NO CEARÁ. **Praia do Futuro**. Disponível em: <goo.gl/mc3hsH> Acesso em: 4 dez 2016.

IBGE. As redes urbanas. In **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IBGE. Ceará. In **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARSHALL, T. **Citizenship and social class and other essays**. Cambridge: Cambridge University Press, 1950.

OLIVEIRA JR, Antônio. A Fotografia Oficial: imagem do poder. IN: **Boletim do Centro de Memória**. Campinas: UNICAMP, 1993.

PEREIRA, Carla. **Ainda somos os mesmos?**: representações midiáticas da juventude em movimentos sociais, ontem e hoje. Porto Alegre: Revista Famecos, 2016.

SOUSA, J. **Fotojornalismo**: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Bocci, 2002.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

TRIBUNA DO CEARÁ. **Casal cria perfil no Instagram para estimular o turismo na Praia do Futuro**. Disponível em: <goo.gl/m8RYwm> Acesso em: 4 dez 2016.